

**ESTADOS UNIDOS /** Donald Trump evita mencionar o tema do controle de armas e qualifica de “mentalmente perturbado” o jovem que executou 17 pessoas em escola da Flórida. FBI recebeu alerta sobre Nikolas Cruz. Atirador faria parte de grupo supremacista branco

# Massacre anunciado

» RODRIGO CRAVEIRO

Nenhuma menção sobre o controle de armas e a sensação de que mais uma tragédia poderia ter sido evitada. “Tantos sinais de que o atirador da Flórida era mentalmente perturbado. Até foi expulso da escola por comportamento ruim ou errático. Os vizinhos e colegas sabiam que ele era um grande problema. Devemos sempre denunciar tais casos às autoridades, sempre!”, publicou Donald Trump em sua página no Twitter. Horas antes, em outra manifestação na rede social, o republicano se limitou a oferecer suas orações e condolências às famílias das vítimas do “terrível tiroteio”. “Nenhuma criança, professora ou ninguém mais deveria se sentir inseguro em uma escola americana”, afirmou.

Na quarta-feira, Nikolas Jacob Cruz, 19 anos, ex-aluno da Marjory Stoneman Douglas High School, em Parkland, invadiu o prédio armado de um fuzil AR-15 e granadas de fumaça, acionou o alarme de incêndio e fuzilou 17 pessoas quando tentavam fugir da escola. O atirador foi formalmente indiciado por 17 assassinatos premeditados. Um porta-voz do grupo supremacista branco República da Flórida (ROF) revelou à organização não governamental Liga Antidifamação (ADL) que Cruz era associado da facção e teria participado de “um ou mais treinamentos” na região de Tallahassee.

Apesar das palavras de Trump, o youtuber Ben Bennight, 36, revelou ontem que notificou o FBI (a polícia federal americana) sobre um texto publicado por Cruz nos comentários de um de seus vídeos. “Eu serei um atirador profissional de escolas”, escreveu. O FBI confirmou à rede de TV CNN ter recebido ao menos um relato indicando que o adolescente era considerado uma “ameaça em potencial”. “Nenhuma outra informação foi incluída e que indicasse a hora, o local ou a real identidade da pessoa que fez o comentário. O FBI revisou bancos de dados e fez checagens, mas foi incapaz de identificar a pessoa”, explicou à imprensa Robert Lasky, agente especial lotado em Miami. As autoridades admitiram que Cruz comprou o AR-15 pelas vias legais. “Nenhuma lei foi violada na aquisição

Mandel Ngan/AFP



Trump discursa sobre a tragédia na Marjory Stoneman Douglas High School, em Parkland (Flórida): “Os vizinhos sabiam que ele era um problema”

## » Kalashnikov é privatizada

A fabricante de armas russa Kalashnikov, conhecida em todo o mundo por seu fuzil AK-47, agora está nas mãos de investidores privados, depois da saída do capital público, afirmou a empresa. O conglomerado público russo Rostec anunciou, em nota, a venda de algumas de suas participações. Assim, passa a ter 25% das ações, frente aos 51% de antes. As participações foram compradas pelo diretor-geral da Rotec, Alexéi Krivoruchko, que já era acionista particular, por 1,5 bilhão de rublos (cerca de R\$ 84 milhões), indicou a empresa. A Kalashnikov foi fundada em 1807, em Ijevsk (1.300km ao leste de Moscou), e, desde 2013, tem o nome do mais conhecido de seus funcionários, Mikhail Kalashnikov inventor do AK-47, que morreu em 2013 aos 94 anos.

dessta arma”, disse Peter Forcecilli, um agente especial do Escritório de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos (ATF) em Miami.

## Cálculo político

A facilidade de obtenção de armas semiautomáticas nos Estados Unidos preocupa especia-

Facebook/Reprodução



Facebook/Reprodução



## Heroísmo em meio à tragédia

O treinador de futebol americano Aaron Feis (E) não pensou duas vezes e tentou salvar o máximo de alunos da Marjory Stoneman Douglas High School, em Parkland. Aproveitou o porte físico avantajado para se colocar, como um escudo, entre o atirador Nikolas Cruz e os estudantes. Enquanto Aaron tinha o corpo fuzilado, os jovens fugiam do alcance das balas. O técnico é um dos 17 mortos no massacre. Mais sorte, e não menos coragem, teve a professora Melissa Falkowski (D). Assim que o alarme de incêndio soou, ela colocou 19 alunos dentro de um armário e permaneceu com eles escondida no local por 30 minutos. Melissa acredita que as simulações para responder a tiroteios em massa salvaram-lhe a vida e a dos 19 adolescentes.

listas consultados pelo Correio, que veem a indisposição do presidente republicano em contrariar a Associação Nacional do Rifle (ANR), um de seus principais apoiadores e doadores de campanha. “Trump parece jogar com a própria base ao culpar doenças mentais pelo tiroteio em massa ou ao evitar discorrer sobre a proliferação desses armamentos.

Trata-se de um cálculo político que visa não oferecer o lobby das armas”, disse Jonathan M. Metz, diretor do Centro de Medicina, Saúde e Sociedade e professor de psiquiatria da Universidade Vanderbilt (em Nashville, Tennessee). “A minha esperança é de que possamos usar essa tragédia horrível como ponto de rejeição a explicações simplistas sobre ti-

roteios em massa e que nos unamos, enquanto sociedade, para debatermos as causas reais das mortes por armas.”

Steven V. Miller, cientista político da Clemson University, na Carolina do Sul, lamenta que Trump arcará apenas com baixo custo ao se recusar a discutir mudanças na Segunda Emenda da Constituição — o texto, redigido em 1791, sustenta que, “sendo necessária uma milícia bem ordenada para a segurança de um Estado livre, o direito do povo a possuir e portar armas não poderá ser violado”. “Não houve qualquer impulso duradouro em direção a alterações na Carta Magna depois do tiroteio em um festival de Las Vegas, em outubro, quando 59 morreram. Os massacres em um cinema de Aurora, no Colorado (12 mortos), e na escola primária de Sandy Hook, em Connecticut (28 mortos), não movimentaram a agulha da bússola política o suficiente para causar modificações”, comentou.

O estudioso acusa as elites republicanas de não desajarem colocar o controle de armas em pauta. “Elas deixam claro que apoiam a interpretação maximalista da Segunda Emenda. Qualquer concessão sobre o tema resultaria em reação furiosa da base de doadores e de eleitores de Trump.”

## » Eu acho...

Arquivo pessoal



“Culpar doenças mentais por tiroteios em massa é promover a estigmatização. Trata-se de uma narrativa promovida pelo lobby pró-armas e pela Associação Nacional do Rifle (NRA), que usam o apoio dos políticos para evitar que o assunto seja abordado. É hora de colocarmos de lado as divisões políticas e dar lugar a leis de senso comum que sejam capazes de interromper essas tragédias nacionais. Não quer dizer que o histórico mental de atiradores seja irrelevante. Mas as doenças mentais não são indicadores de violência ou de crimes com armas. Pessoas com distúrbios mentais são mais propensas a serem vítimas do que algozes.”

**Jonathan M. Metz,** diretor do Centro de Medicina, Saúde e Sociedade e professor de psiquiatria da Universidade Vanderbilt (em Nashville, Tennessee)

Arquivo pessoal



“Os cidadãos não precisam de fuzis AR-15. A proibição deles traria maravilhas, pois esse tipo de arma é capaz de produzir tiroteios em massa. São necessárias verificações universais de antecedentes criminais dos compradores de armas. Agressores violentos não deveriam ter acesso a armamentos; a violência doméstica também é precursora de tiroteios em massa. O problema é que os republicanos controlam todas as câmaras do governo. Os governistas comunicaram que nada farão para impor o controle sobre as armas, pois isso irritaria a NRA e uma importante parcela dos doadores de campanha do Partido Republicano.”

**Steven V. Miller,** cientista político da Clemson University, na Carolina do Sul

# Olhar de ódio, paixão por armas e ameaças

Nas redes sociais, a imagem de um jovem sombrio, que publicava comentários ameaçadores em vídeos do YouTube e posava para fotos com uma pistola. “Eu quero atirar nas pessoas com o meu AR-15”, “Eu quero morrer combatendo toneladas de m... de pessoas” e “Vou matar policiais, eles perseguem pessoas boas”, anunciava Nikolas Cruz pela internet. No histórico familiar, perdas que poderiam ter desencadeado uma depressão, segundo autoridades. Nascido em setembro de 1998, ele foi adotado, quando ainda era recém-nascido, por um casal de idosos.

Lynda Cruz, mãe adotiva de Nikolas, morreu de pneumonia em 1º de novembro passado, aos 68 anos. Ele também tinha ficado órfão do pai adotivo anos atrás. Nikolas e o irmão foram criados por amigos do casal Cruz, que lhe permitiram morar sozinho e o aconselharam a estudar. “Ele era um pouco estranho, estava um pouco deprimido após a morte da mãe, mas quem não estaria?”, ponderou o advogado da família

Twitter/Reprodução



Policiais de Parkland imobilizam Nikolas Cruz: jovem foi acusado de cometer 17 assassinatos premeditados

de acolhida, Jim Lewis, em entrevista ao jornal *Sun Sentinel*.

Quase semanalmente, a capixaba Mariluz Thompson, 41 anos, frequentava a loja de artigos vendidos a 1 dólar ao lado de sua casa, em Coral Springs, a menos de 2km do local da tragédia. Costumava ser atendida por Nikolas Cruz. “Eu sempre o achei estranho, tinha um olhar diferente. Na última vez que estive lá, fui

acompanhada de meu filho, que também estuda na Marjory Stoneman Douglas High School. Comecei que ele não era uma pessoa normal, pois tinha um olhar de ódio”, relatou ao Correio, por telefone, a proprietária de um salão de beleza que trocou Vila Velha (ES) pela Flórida, dois anos atrás. O filho de Mariluz ficou trancado dentro do auditório por mais de uma hora e meia.

## Sorriso

Brandon Minoff, 17, contou ao Correio que conheceu Nikolas Cruz em 2016, quando ambos cursavam o segundo ano. “Tive duas aulas com ele, mas não via como prioridade uma aproximação. Ele era muito calmo e reservado”, lembra. No entanto, um detalhe chamou-lhe a atenção. “Ele se sentava reviran-

do os polegares. Às vezes, começava a rir em completo silêncio e agia estranhamente”, relata o estudante da Marjory Stoneman Douglas High School, que abandonou o prédio antes que Cruz começasse a matança. “Assim que o alarme de incêndio disparou, corremos para fora da escola. Dois a três minutos depois, escutamos os disparos.”

Em raro momento de confiança, durante trabalho em grupo, Cruz revelou-lhe detalhes do passado estudantil. “O fato de ele ter sido expulso da escola mais de uma vez me parece uma linha vermelha. É claro que jamais imaginava que algo assim ocorresse, mas, quando soube que ele era o atirador, me pareceu óbvio”, disse Brandon. De acordo com ele, o autor da chacina de Parkland queria se alistar no Exército e gostava de caçar. “Eu vejo que ele sentia alguma afeição por mim. Fui à loja em que Cruz trabalhava. Ele sempre me atendia e chegou a tentar me arrumar um emprego no estabelecimento.” (RC)

## » Rejeitados projetos de lei migratória

Dois projetos de lei de reforma migratória — um apoiado por Donald Trump e outro bipartidário — foram rejeitados ontem pelo Senado dos Estados Unidos, fazendo colapsar os esforços para alcançar um acordo político sobre o tema. As propostas diferiam quanto aos recursos e aos prazos para o fortalecimento da segurança nas fronteiras. A defendida por Trump recebeu o menor número de votos — 39 a favor e 60 contra. A outra foi rechaçada com 54 votos favoráveis e 45 contrários. O presidente a classificou como “uma total catástrofe” e ameaçou vetá-la caso aprovada. A aprovação abriria caminho para que 1,8 milhão de jovens imigrantes tivessem acesso à cidadania americana. Eles haviam sido protegidos de deportação no governo Obama, mas Trump exige que essa medida seja extinta até 5 de março.